COSTUMES PORTUGUESES

Sumário

BOLETIM MENSAL

SETEMBRO
1940

Obra das Mãis pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina, Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8. — Telefone 4 6134 — Editora: Maria Joana Mendes Leal — Arranjo gráfico gravura e impressão da Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrêla, n.ºs 4 a 10 — Lisboa

Assinatura ao ano 12$00 Preço avulso 1$00

TER ASAS...

DISSE Flaubert de uma vez:

«Eu creio que se olhássemos sempre para os céus acabaríamos por ter asas».

Um minuto para esta palavra...

É preciso encher com ela os olhos e os ouvidos e o coração.

Volte-se a gente para onde se voltar, tudo é, agora, um convite epicurista à vida de cá de baixo — ao rasteirinho e fácil, ao mediocre e fútil. O mundo já não pode levar mais baixeza e mais carnalidade.

E somos todos cúmplices nesta bacanal endemoinhada. Parece que até os que reagimos o fazemos... fàcilmente!

E vão na leva todos e os melhores carácteres, ainda os mais rijos: aqui ou ali, uma condescendência...

Todos... Não. Já há uma boa meia dúzia que *«olha sempre para os céus»* — Já há, graças a Deus, quem não capitule...

quem não se diminua...
quem faça barreira...
quem saiba dizer *não!...*

Num momento em que se envilece e envelhece, sem ter conhecido as saüdáveis e fertilizantes alegrias da vida alta, há já uma Vanguarda de peitos e de almas que juram todos os dias **avançar** e **reagir**.

É preciso ter coragem para ser *contra*...

Contra tudo e **contra** todos, isto é, **contra** o que minimise a nossa dignidade humana ou a nossa categoria de sêres inteligentes e responsáveis;

Contra os que se venderam aos anjos maus das vidas sem Ideal e sem Graça.

Contra tôdas as cobardias portuguesas e cristãs: os portugueses cristãos que capitularam e estão capitulando em face de todos os figurinos estrangeiros de idéias e de costumes...

Contra todos os que acamaradaram com os sem princípios e sem costumes, e se lhes entregaram corpo e alma, sem olharem à volta e ao longe, todo o lado de onde ainda sopra o vento do Espírito.

Contra!... com a alma tôda.

Contra!... até morrer nêste combate.

* * *

A melhor reacção?

Passar por entre a bacanal — e os vendidos e os vencidos, e por-de-cima dos cadáveres — **a olhar os Céus!**

A êste preço viremos, os desta arrancada sublime e heróica, a **ter asas**.

O milagre vai ser êste: — a nova ala dos namorados, dos inconformistas — dos que forem *contra* o vil e mísero viver — armados pelos anjos da Altura, na escalada magnífica dos Céus, com esta arma nova: *«asas»*...

Por cima dum mundo velho a arder em podridão, bem ao alto, os combatentes estranhos da Hora Nova!

Eis o milagre novo:

E o Senhor Deus a combater por êles e a guardá-los do bafo e da peçonha e das epidemias em que se consumirão os nababos e os comilões, os pôdres e os fracos, e os vendidos e os traidores — os fúteis e os sem alma...

— Então? **Olhar sempre os Céus!**

Ter asas...

G. A.

VINHAS

APROXIMA-SE o tempo das vindimas e as vinhas, carregadas de frutos, fazem-me lembrar as palavras de N. Senhor a caminho do Jardim das Oliveiras: «Eu sou a verdadeira vinha e meu Pai é o agricultor. Todas as varas que não derem fruto tirá-las-á e tôdas as que derem fruto limpá-las-á ainda, para que dêem mais fruto. Eu sou a videira e vós as varas. O que permanece em mim e eu nele, êsse dá muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer».

N. Senhor servia-se freqüentemente de imagens para dar clareza às suas palavras. As ideias abstractas são aprendidas com dificuldade e, quanto mais elevadas essas ideias são, mais necessário se torna esclarecê-las com imagens que impressionem os nossos sentidos e a nossa imaginação.

Jesus, que é a eterna Sabedoria, soube falar ao povo, que O compreendia, ouvindo-O dirigir-se-lhe na simplicidade da sua própria linguagem e comentar as suas palavras com exemplos, que ia buscar à vida familiar ou à natureza, que o seu auditório dia a dia tinha debaixo dos olhos, e lhes ficavam a recordar as lições do Divino Mestre, como um Livro sempre aberto na mesma página.

Jesus fala-lhes nas aves do céu e nos lírios dos campos... No trigo das searas e no fermento do pão... Nas redes dos seus barcos e nos peixes... Nas ovelhas dos seus rebanhos e nas drachmas do seu mealheiro... Nas figueiras dos seus pomares e no sal que dá sabor aos alimentos...

E porque as vinhas se estendiam sôbre as colinas da Palestina, por três vezes N. Senhor as empregou nas suas prégações.

O Evangelho conta-nos duas parábolas em que as vinhas servem de motivo aos ensinamentos de Jesus — «os trabalhadores enviados para a vinha» e os «vinhateiros homicidas» — e depois da última Ceia Nosso Senhor pronunciou essas palavras que vos citei de princípio e vos convido a recordar comigo, contemplando as vinhas que possivelmente fazem parte da paisagem familiar das vossas férias.

Essas varas, que nós vemos a dobrarem-se para o chão sob o pêso dos cachos de uvas, recebem a sua seiva do tronco da videira; separadas do tronco, secariam, e, incapazes de dar fruto, só serviriam para ser lançadas no fogo.

Cristo é a videira, nós somos as varas... E como acontece na vinha, só daremos frutos se estivermos unidos a Cristo, como a vara ao tronco, isto é, se a vida da nossa alma fôr a graça, como a seiva é a vida que do tronco corre para as varas.

Se a vida divina nos faltasse — e falta a quem vive em pecado — seríamos como vides sêcas de que o destino é serem lançadas ao fogo.

«Eu sou a vinha e meu Pai é o agricultor»...

Para que as vinhas dêem frutos abundantes, os agricultores podam-nas no devido tempo, cortando as partes sêcas e talhando as partes verdes. Essa mutilação, que parece cruel, é benéfica: destruída a parte envelhecida e exausta, ou excessiva e inútil, novas varas renascem mais fortes.

Muitas vezes também Deus se encarrega de cortar em nós o que não presta: maus desejos e maus sentimentos que não poderiam dar bons frutos.

E nós próprias, para que a nossa alma dê frutos abundantes, temos de cortar e lançar fora tudo aquilo que é mau ou inútil e dificulta a floração da graça.

COCCINELLE

CARTA ABERTA
Queridas raparigas

Estou a escrever-vos estas linhas sôbre os joelhos, mesmo à beirinha do mar. Gosto muito do mar. Para mim o mar tem sempre uma beleza diferente, mas um encanto igual, que me faz esquecer o tempo junto dêle. Pois não é verdade que é tão lindo o mar? E que deante da sua imensidade azul a nossa alma se sente num ambiente mais sobrenatural, como se o Espírito de Deus ainda hoje pairasse sôbre as águas que a sua graça cobriu na criação do mundo?

É manhã. Uma manhã luminosa que dá alegria de viver. Grandes chapéus de sol parecem flores gigantescas à sombra das quais as crianças brincam na areia. Dizem que Deus criou a areia para regalo e brinquedo das crianças. Mas, então, somos nós todas eternamente crianças, porque, mesmo depois de crescidas, gostamos de brincar com a areia! Barcos à vela passam ao largo, semelhantes a azas de gaivotas roçando o mar. Tudo é azul, azul, azul. No céu não corre uma nuvem e o mar reflecte a côr do céu. Mas se desviando os olhos do céu e do mar os pousamos sôbre a praia, que contraste! Faz pena o espectáculo que se nos depara: tanta nudez sem pudor a exibir-se em maillots *inconvenientíssimos e tanta imoralidade de costumes a ostentar-se nos banhos de sol!*

Julgava que teria de deixar a Figueira da Foz com esta triste impressão de que, afinal, estrangeiras e portuguesas se não distinguem, pois, em quási 15 dias, nunca vi um único fato de banho que obedecesse às regras da moral. Que tristeza! Mas, esta manhã, com que alegria eu vi aparecer algumas raparigas com os fatos de banho aprovados pela Mocidade Portuguesa Feminina!

Queridas raparigas! Não sei o vosso nome, mas isso que importa? Para mim sois a Mocidade! *A* Mocidade *que eu amo e desejaria bela e feliz, na graça da sua pureza e no encanto da sua alegria.*

Não sei o vosso nome... Mas quero dizer-vos que os meus olhos vos envolveram com ternura e quero — nesta carta aberta *que dirijo a tôdas as filiadas da* Mocidade *que usaram o seu fato de banho por essas praias de Portugal e graças a Deus foram muitas — louvar-vos pelo bom exemplo que soubestes dar.*

MARIA JOANA

Figueira da Foz, 12 de Agosto de 1940.

Post-scriptum. **Os fatos de banho da M. P. F. poderão ser requisitados para o Comissariado Nacional: Praça Marquês de Pombal, 5, Lisboa.**

Ao sol

A areia, brinquedo de pequenas e grandes

Fazendo horas para o banho

FIGUEIRA DA FOZ. — *Praia de Banhos*

QUEM SERÁ ESTA *Lusita*?

ESTAMOS a imaginar a leitora pequenina dizendo consigo: — «Da minha quina não é; nem mesmo do meu castelo».

Pois engana-se...

Esta menina, ou outra muito parecida com ela, é do seu castelo, e capaz de fazer estas coisas feias.

É verdade. Há lusitas que sentem pouco a beleza dos objectos bem arrumadinhos e bem tratados, e por isso precisam ver aqui como que o seu retrato para fazerem idéia como as suas colegas as olham.

Reparem.

Com os pés na régua da cadeira polida a menina balouça-se...

— «Que mal faz?»

Vejam. Ela veiu do quintal *onde esteve muito à vontade,* andou a brincar com água, e entrou em casa com um pau sujo de terra e os sapatos enlameados.

Passou pelo capacho, mas não os limpou.

Depois foi merendar, riscou a cadeira e sujou o tapete.

Foi falar ao telefone e confundiu as mãos com os pés... sujando a almofada e as mãozinhas.

Depois, em boa hora, veiu a lembrança de se ir lavar e alisar o cabelo, mas a toalha já não ficou como estava, direita no toalheiro. Ficou enrolada, feita numa trouxa!

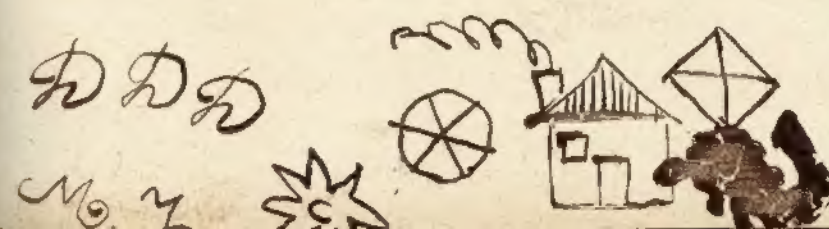
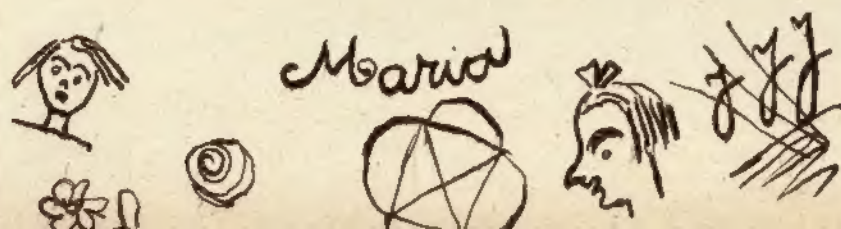
Que feio!

Às vezes, ou, de costume, aviva com lápis os bonecos do livro de leitura, fura com o bico da caneta as coberturas e à falta de outra distracção nos livros... ensaia letras e desenhos no lindo mata-borrão verde que cobre a mesa de estudo.

— «Que mal faz?» É pena!

Faz pena tudo o que se estraga e desarruma, sem ser necessário.

Devemos acostumar-nos a estimar as coisas dando a tôdas grande valor, sejam nossas ou não, nunca esquecendo que o asseio e a arrumação são um princípio de beleza.

Fotos: M. Rama da Silva

A EXPOSIÇÃO DE PINTURA PORTUGUESA DOS SÉCULOS XV E XVI

Gregório Lopes. — *Martírio de São Sebastião.* — *Museu das Janelas Verdes*

A Exposição de Pintura Portuguesa dos séculos XV e XVI está aberta há três meses no novo edifício anexo ao Museu das Janelas Verdes. Muitas filiadas da Mocidade devem já ter passado por essa admirável galeria de pintura, mas, façamos juntas uma breve visita à Exposição, fixando apenas os principais núcleos ou agrupamentos que a constituem.

Por núcleos ou agrupamentos de pinturas entende-se determinado número de quadros que revelam características de estilo e de técnica afins. As características de estilo dizem respeito à disposição, tipo e construção dos elementos de composição e aos pormenores de ornamentação. As características de técnica às matérias empregadas e ao processo de as aplicar. Os quadros que constituem um agrupamento com características afins de estilo e de técnica são considerados, neste caso, obra da mesma oficina de pintura ou de oficinas formadas sob influência comum.

Na Exposição raros são os quadros assinados e mesmo êsses revelam apenas monogramas ou rúbricas a que os críticos dão interpretações diferentes. Embora a documentação sôbre pintura portuguesa dos séculos XV e XVI já estudada e publicada pelos investigadores seja importante, poucos documentos permitem identificar os autores dos quadros que chegaram até nós. Dêstes factos resulta ser deminuto o número de quadros expostos cuja atribuição a um pintor pode ser feita com a segurança que só uma assinatura perfeitamente identificada ou a base documental permitem.

Exceptuando os painéis de Nuno Gonçalves e da sua oficina, pertencentes ao Museu das Janelas Verdes, todos os agrupamentos ordenados nas sálas desta Exposição estão dispersos por Museus, Igrejas, Misericórdias e colecções particulares do país. Por essa razão, se valiosos estudos e crítica nacional e estrangeira tem dedicado à pintura dos séculos XV e XVI em Portugal, só presentemente, com a reünião da grande maioria das principais obras de pintura e com a existência do Instituto para o Exame e Restauro de Obras de Arte, anexo ao Museu das Janelas Verdes, os estudiosos dispõem de meios favoráveis para a realização de trabalhos concludentes.

Vasco Fernandes. — *Anunciação.* — *Painel do Retábulo da Sé de Lamego.* — *Museu de Lamego*

Pelos agrupamentos formados a Exposição é, de certo modo em si própria, o primeiro capítulo de uma vasta obra que sucessivamente dirá respeito ao estudo comparativo dêsses agrupamentos, a fim de distinguir a seqüência cronológica, as influências exercidas, os elementos gerais que os ligam entre si, e aos processos originais de técnica e de estilo que êsses elementos gerais revelarem, demonstrando assim a existência de uma escola portuguesa de pintura na época aurea de quatrocentos e de quinhentos.

Os mestres do século XV estão reünidos nas salas I e II. Na primeira encontra-se o núcleo precioso da obra atribuída a Nuno Gonçalves e à sua oficina, constituído pelos seis painéis da «Veneração a São Vicente» e por cinco tábuas representando vários santos. A êste núcleo pertence ainda o fragmento de um quadro representando «Santo André» expôsto em uma sala, no rez-do-chão do mesmo edifício.

Frente aos painéis de São Vicente vêem-se os retratos da princesa Santa Joana e de Nun'Alvares. Na mesma sala está expôsto o «Ecce Homo», do Museu das Janelas Verdes.

Na segunda sala, em redor do retábulo de «Santa Clara», agrupam-se três painéis de carácteres mais ou menos semelhantes, «Ceia em Emaus», um tríptico representando «São Simão, São Judas Tadeu e São Tiago Menor» e a «Virgem com o Menino e dois Anjos». Frente a êste quadro um «Baptismo de Cristo» revela influências de estilo diferente.

Entrando na terceira sala deparamos com os mestres do século XVI. O agrupamento completo dos retábulos e painéis expostos na primeira divisória foi realizado nesta Exposição e veio demonstrar a importância de um núcleo de pintura cuja obra de maior beleza é o retábulo do Sardoal. Em alguns painéis (N.º 44 e N.º 47) aparecem as armas da rainha D. Leonor e o camaroeiro por ela adoptado como divisa, depois da morte do príncipe D. João.

No resto da sala, preenchida por obras da chamada Escola de Viseu, na quási totalidade provenientes de museus e igrejas do norte do país, domina um grande mestre, Vasco Fernandes, o famoso Grão Vasco, a quem no século XVIII e primeira metade do século XIX era atribuída a grande maioria de quadros pintados em madeira, existentes em Portugal.

Entre as obras expostas, aquelas cuja atribuição a Vasco Fernandes é baseada em documentos são os quatro painéis do retábulo da Sé de Lamêgo, encomendado ao artista pelo bispo da diocese, D. João de Madureira e, de certo modo, o belíssimo painel de «São Pedro. A rúbrica Velascs que se lê no quadro «Pentecostes» (N.º 62) é interpretada como assinatura de Vasco Fernandes.

Ainda expostos na mesma sala mas alheios à influência da escola de Viseu há um painel «São Pedro» (N.º 78), dois quadros do retábulo da Sé do Funchal e o retábulo de Ancêde. As últimas obras aproximam-se de núcleos dispostos na sala IV.

Entrando na sala V admiramos os magníficos retábulos da Igreja de São Francisco, de Évora, de nítida influência estrangeira, e os quadros atribuídos a Frei Carlos, pintor flamengo que professou no Convento do Espinheiro, perto de Évora.

Nas salas que se abrem na nossa frente e na extensa galeria vamos encontrar mais de centena e meia de painéis cujas características permitem considerar (à excepção dos N.ºs 230, 278, 279, 283, 309 e 310) como obras de oficinas relacionadas entre si ou na seqüência cronológica ou pelo trabalho realizado em conjunto. Documentos coevos revelam a existência de uma importante parceria de pintores constituída por Gregório Lopes, pintor régio, Cristovão de Figueiredo e Garcia Fernandes. Entre as obras expostas os documentos permitem atribuir a Gregório Lopes o «Martírio de São Sebastião» (sala IX N.º 198), a Cristovão de Figueiredo os quadros «Achamento da Cruz» e «Exalçamento da Cruz» (sala VII N.ºs 147-148) e à parceria Gregório Lopes, Cristovão de Figueiredo e Garcia Fernandes o retábulo de Ferreirim (sala VI N.ºs 125-130) Estes quadros constituem a base de atribuïção de outras pinturas aos mesmos mestres ou às suas oficinas.

No patamar da escadaria depara-se-nos mais um agrupamento de pintura dos princípios do século XVI, constituído por quatro quadros vindos da charola do Convento de Cristo, em Tomar, e, na sala XII, uma pequena galeria de retratos organizada sem intuitos de formar um núcleo oficinal.

MARIA JOSÉ DE MENDONÇA

Cristovão de Figueiredo. — *Exalçamento da Cruz.* — *Museu de Machado de Castro*

Parceria Cristovão de Figueiredo, Gregório Lopes e Garcia Fernandes. — *Anunciação.* — *Painel do Retábulo*

Aldeias PORTUGUESAS

Mulheres de Niso

Mulher da Beira

ESCREVO estas linhas numa aldeia da Beira Alta e ao envolver no meu olhar carinhoso as velhas casas da minha terra, recordo aquele encantador recanto da Exposição do «Mundo Português» onde Portugal inteiro nos aparece na evocação das «Aldeias portuguesas».

Visitei por duas vezes, descobrindo sempre coisas novas, êsse cantinho onde artistas que são poetas — porque há arte e poesia em tudo aquilo — reüniram a belesa humilde mas cheia de graça dos costumes portugueses.

Aldeias portuguesas tão cristãs com os seus cruzeiros e as suas «alminhas!»

Casas portuguesas que a erva humilde tapeta em roda e as trepadeiras abraçam com ternura!

Exceptuando Trás-os-Montes, conheço todas as demais províncias de Portugal. Ao visitar as «Aldeias portuguesas» eu tive a impressão de *rever* o que os meus olhos já tantas vezes têm contemplado e admirado.

Aldeias do Minho, em terras fartas de água e tão repartidas que cada pobre é proprietário dum torrãozinho que lhe dá pão e caldo . . . Com saúde, sol e a graça de Deus, que mais é preciso para se viver contente?!

Vida de trabalho, de sol a sol, mas trabalho que se leva a cantar!

E canta-se nas eiras e canta-se nas romarias . . . Trabalha-se e canta-se . . . canta-se e reza-se . . . Louvado seja sempre o Senhor!

Casas do Minho, tão lindas com as suas latadas de fresca sombra e as suas varandas airosas e soalheiras!

Casas do Minho, que a candeia ainda alumia e onde ainda se reza pelas «alminhas do Purgatório»: *«Padre Nosso, que estais nos céus...»*

Aldeias da Beira, de casas de granito, com riscos de cal ligando as pedras, ou construídas de xisto escuro, que ao longe faz confundir as casas com a própria terra, tão pobrezinhas e modestas, mas a rirem pelas suas varandas rasgadas, onde entra o sol e florescem rubras sardinheiras!

Casas da minha Beira donde se eleva, através da telha vã, o fumo da lareira e onde os balcões são degraus de altar que o senhor Prior sobe em Domingo de Páscoa para dar a Cruz a beijar!

Casas da minha Beira onde o porquinho vive quási em família e as galinhas, que passeiam pelas ruas, à tarde recolhem, entrando pela sua *escada particular*, feita de pequenas ripas, que lhes dá acesso ao buraco que lhes serve de abrigo.

Casas da Beira, tão pequenas, mas onde cabe tudo!

As lojas são o celeiro onde se guarda o milho e as batatas e onde na salgadeira se conserva o *conduto* de todo o ano; e ali fica também a adega onde se vai buscar a pinguinha do vinho . . .

Aldeias do Alentejo, perdidas na imensidade da charneca, com estradas sem sombra e campos sem pomares . . .

Aldeias brancas em que a cal rebrilha ofuscante até que no poente o sol desapareça em fogo!

Beira Litoral

Montes do Alentejo, que são pequenas aldeias — em que os senhores e os trabalhadores fazem uma só família — e onde à roda dum pátio se aglomeram as edificações porque, tão longe de tudo e de todos, é preciso ter abrigo para os animais, acomodações para as alfaias agrícolas e habitação para os criados.

Montes onde todas as energias se concentram no trabalho, e todos os afectos na família, sem dissipações nem convivências, novidades ou divertimentos.

E onde à noite, quando as estrêlas começam a brilhar, se ergue a toada arrastada e nostálgica das canções alentejanas, em que a cantar se descansa das fadigas dum dia quási sem fim... São as *completas* daquele ermitério...

Casas do Alentejo, tão brancas por dentro como por fóra, inexcedíveis de asseio, e tão graciosas com as suas cortinas garridas, as suas cantareiras enfeitadas com loiças alegres e sôbre a chaminé os tachos de cobre a brilharem como oiro!

Aldeias do Algarve, de casas açoteadas — cada casa é um mirante sôbre o mar — sôbre o mar que é o companheiro e o encantamento do povo que dêle vive, do povo que nada consegue desprender de tamanha sedução!

Os sonhos épicos do Infante D. Henrique são ainda hoje sonhos de aventura para os algarvios, sempre prontos para embarcar, para irem correr mundo e perigos!

Casas do Algarve com as suas chaminés fantasistas e rendilhadas, que alguém comparou a pequenos minaretes, vestígios da moirama que por ali reinou...

Casas do Algarve tão brancas, tão brancas que nas horas luminosíssimas em que o sol cai a pino obrigam os olhos a fecharem-se, sem poderem fitá-las!

Casas que sorriem aos que chegam do mar e que parecem lenços brancos a acenar adeus! aos que partem...

Aldeias portuguesas... lares dos nossos pais... ninhos onde a saüdade sempre nos reconduz com aquele instinto de amor que o coração possui!

Como elas são belas, as nossas aldeias, com as suas casas agrupadas em roda do campanário, como um rebanho a descansar tranqüilo aos pés do pastor.

E como as próprias pedras das suas calçadas, polidas pelos pés descalços dos pobrezinhos, nos são queridas!

Não têm lugar no mapa e as suas ruas não têm nome, mas todos os vizinhos se conhecem.

Até o sino é um amigo, que tocou para nós, alegremente, no nosso baptismo, e já tantas vezes tem chorado pelos nossos, quando o Senhor os leva!

Aldeias portuguesas, irmãzinhas umas das outras, mas distinguindo-se tão bem pelas suas características, são elas o relicário das tradições de Portugal!

MARIA JOANA MENDES LEAL

Algarve

por Maria Paula de Azevedo

AVENTURAS DE

Rosa Teimosa

Entre as classes das pequeninas espalhára-se a história das aventuras da Rosa, e uma enorme curiosidade enchia aquelas centenas de cabecitas, desejosas de vêr a heroina de tantos e tão variados acontecimentos.

— De que terra é ela? — preguntavam umas às outras.

— Ouvi dizer que é preta e tem um anel de oiro pendurado no nariz.

— Isso é mentira, sei que é da India e usa um grande pano a cobri-la tôda.

— Nada disso patetas, é uma verdadeira chinêsa, com calças até aos pés.

— Quem a conhece bem é a Marjorie Hardy — observou uma pequenita de oito a nove anos chamada Jenny — como eu sou prima dela vou-lhe preguntar.

E nessa mesma tarde, Jenny triunfante anunciou, no recreio:

— E' portuguesa! não tem anel nenhum no nariz, nem usa calças até aos pés, nem anda coberta com um pano!...

Jenny, sentia-se importante e continuou:

— As portuguesas são de Portugal, é uma terra onde até eu já estive e tenho lá pessoas que são meus tios e primos!...

Soaram gritos de espanto entre o auditório.

— Mas onde é essa terra? — preguntou uma.

Jenny respondeu, solene:

— É uma terra esplêndida! E a minha Mummy é de lá!...

— Isso é que não é, Jenny, a tua Mãi chama-se Mirs Smithson e é americana como tôda a gente da América — replicou outra.

— A Mummy chama-se Ana, e eu tenho lá muitos primos e moram em Lisboa, e eu lá não sou Jenny, sou Geninha! — retorquiu Jenny com fôrça.

— Conta, Jenny, conta da tal rapariga que foi roubada pelos ciganos.

E Jenny, excitada, tornou:

— E eu hoje vou, com a Irmã Patrícia, conhecê-la e falar com ela e talvez ela até vá lá a casa nas férias da Páscoa!

A-pesar-do seu desapontamento enorme, ao vêr que ainda não tinham conseguido comunicar com os pais, Rosa não podia deixar de gostar da vida activa, sàdia e interessante que era a sua no Colégio de S. Domingos, naquele arrabalde de Nova York.

Logo de manhã, muito cedo, fortes sinetas acordavam as crianças e era um bulício nos alegres dormitórios e pelos vastos corredores que conduziam ao duche diário. Depois, o primeiro almôço, em mesas pequenas de alegres toalhinhas, com o café e a nata deliciosa, as fatias de pão com manteiga e «jam»!

Muitas vezes, quando o tempo estava bom, as aulas eram ao ar livre; e Rosa, que desde os 6 anos tivera óptimas mestras estrangeiras e portuguesas, fazia boa figura entre as raparigas da sua idade e adorava estas lições sôbre os relvados, à sombra de árvores seculares.

A dança, o sport de tôda a espécie, com passeios a cavalo no enorme picadeiro, constituiam também uma delícia; e só uma nota triste, além da espera anciosa e constante pelas notícias, ensombrava a vida de Rosa: a inveja e a maldade de Bella Hardy, sempre pronta para lhe ser desagradável, vexando-a diante das outras crianças.

O encontro com a pequena Jenny Smithson, a encantadora Geninha, filha de Ana Lawrence e Tom Smithson, (Vidé Ana vem a Portugal — Livraria Bertrand), foi para Rosa um acontecimento alegre: falou a sua língua, contou a sua odisseia e descobriu, até, que tinham em Lisboa imensos conhecimentos comuns! Em vista do que a Irmã Superiora do Colégio resolveu convocar os pais Smithson na esperança de dar uma solução à estranha situação de Rosa.

Tendo parentes em Portugal era natural que Mrs. Smithson pudesse informar a família Menezes de que estava sã e salva a sua filha e pronta a seguir para Lisboa.

E aconteceu que os pais de Jenny conheciam pessoalmente os pais da Rosa!!! E tinham convivido com êles na Madeira durante a doença do seu filhinho Patrick, morto no Funchal.

Rosa ouvira tudo isto, palpitante...

— Fez-nos tanta pena a tristeza em que viviam os teus pais, Rosa, na aflicção de te julgarem morta (sem sequer terem disso a certeza), que o Tom e eu ainda os considerávamos mais infelizes do que nós que acabávamos de vêr um filhinho adorado morrer nos nossos braços... E, Mrs. Smithson acariciava a cabeça loira da Rosa:

— Não devemos tirar-te do Colégio sem voltar o Comandante Hardy — tornou Miss Smithson — mas vamos já hoje começar a escrever para os Açores. O nosso correspondente na Madeira se encarregará de fazer seguir a carta.

Rosa, enternecida e grata, abraçou Miss Smithson com ternura e a sua vida no Colégio tomou desde então uma feição calma que até ali não tinha tido.

Uma grande mudança se déra na antiga Rosa-Teimosa... Amadurecida por êsses meses aventurosos, Rosa recordava a sua vida anterior, na luxuosa casa da Estrêla onde todos se sujeitavam aos seus caprichos, desde a mãi à Jùjú, como um sonho já longínquo; e parecia-lhe que esta Rosa de hoje sob a influência inteligente da Irmã Patrícia e da boa Marjorie, não era a mesma pessoa...

O estudo tomára uma grande importância na sua vida; habituara-se a lêr, a observar, a pensar nos outros e não só em si.

E a certeza de poder breve abraçar os pais adorados, enchia-lhe a alma duma profunda alegria!

Chegára a Páscoa, a mais alegre festa dos cristãos do mundo inteiro. E à mesa da família Smithson, entre flores lindíssimas, caras risonhas e amigas, estava Rosa, vestida com elegância, os loiros caracoes emoldurando-lhe as bochechas rosadas.

O Comandante Hardy, à direita de Ana Smithson, olhava-a com ternura paternal e a própria Bella, que a Irmã Patrícia conseguira fazer mudar de atitude, juntava a sua alegria à de tôdas!

— O que tenho a dizer-te hoje, Rosa, é importante e agradável — declarou o comandante, quando chegou ao momento das saúdes.

— Oh Rosa, ouve bem o que vai dizer o Pai! — disse Marjorie risonha.

— Meu Deus, o que será? — murmurou Rosa, aflita.

— É tudo bom, Rosinha...

— Óptimo! — advertiu Tom Smithson, fazendo-lhe uma festa na cabeça.

— Comandante, recebeu carta do Pai? — preguntou Rosa anciosamente.

— Melhor! muito melhor! — gritou Jenny com entusiasmo.

E o pequeno Bob, que não jantava à mesa e andava em volta a dar as boas noites, exclamou, imitando a irmã:

— Melhor! muito melhor!

Mas nesta altura, o Comandante pôs-se em pé, com a taça de «champagne» na mão e, com voz vibrante, clamou:

— Eu bebo à saúde dos pais de Rosy, para quem êste dia de Páscoa é o mais feliz de tôda a sua vida!... Hip! Hip! Hip! Hurrah!!!

Parecia uma trovoada aquele «Hurrah» que todos acompanharam; e, eis que se abriram as largas portas da sala e entraram, radiantes, os pais de Rosa Teimosa!...

Há momentos de funda comoção que mal podem descrever-se. E, quando Rosa se sentiu desfalecer nos braços dos pais, foi um dêsses momentos inolvidáveis que não se descrevem com palavras... Os beijos, as ternas expressões, os carinhos sem fim, irradiavam daquelas três criaturas separadas duma maneira tão estranha e e agora reünidas numa tão profunda ventura!

E Rosa, daí em diante, tornou-se uma rapariga sensata, estudiosa, bôa; já só lhe chamavam todos — Rosa Bondosa!

FIM

ERA UMA VEZ...

O menino abelhudo que quere falar em tudo

Era uma vez um menino
Chamado Saturnino.
Tinha imensas pretensões
E emitia opiniões
A torto e a direito
Conforme lhe dava geito.
A mãi às vezes dizia:
«Deixa essa tôla mania
«De seres assim abelhudo
«E de q'reres falar de tudo.
«Da tua idade, menino,
«Sendo ainda pequenino
«(Pois só contas cinco anos
«e és mais novo do que os manos)
«Triste figura tu fazes
«No meio d'outros rapazes»!
Mas o tôlo nada ouvia
Do que a boa mãi dizia.
Um dia ao avô Alberto
(que o achava muito esperto)
Saturnino preguntou:
«Diga lá oh meu Avô,
«É mònàco ou rèplicano?
(Eu vou preguntar ao mano.
«O que são tais palavrões
«P'ra dar minhas opiniões)
«Oh meu neto Saturnino,
«Meu adorado menino,
«Deus te dê algum juizo!»
(E não póde ter o riso!)
As irmãs e o irmão
Q'riam dar-lhe uma lição;
Q'riam castigar a teima
D'esses modos de toleima.
E todos três combinaram
Castigo que realizaram!
Era dêle um papagaio
Dado pelo José Olaio.
Ao papagaio ensinaram
Um verso que decoraram;
E p'los ouvidos se mete
Aquela voz de falsete:
«Oh Saturnino abelhudo
«Queres sempre falar de tudo!»
Saturnino que era esperto
Foi ter com o avô Alberto.
«Cale o bico ao papagaio
«Que me deu o sr. Olaio!
«Qu'eu prometo oh avôzinho
«Não tornar a ser parvinho:
«D'aquilo que eu não sei
«Eu nunca mais falarei»!
E afinal Saturnino
Apesar de pequenino
Sua palavra cumpriu,
Nunca mais ninguém se riu
Nem troçou as suas falas!
Brincava, estava contente,
E tornou-se ajuizado.
E o papagaio, ensinado,
Dizia em voz estridente:
«Que rapaz bem educado!»

AVISO

No próximo número começamos a publicação de:

A CORAGEM DE TEREZA TELES

(Vida agitada duns portugueses na América).

COSINHA

LIMPEZA DE UTENSÍLIOS

Continuando a ocupar-nos da cosinha, vamos hoje ensinar como se lavam os utensílios em que se prepara a comida.

Dum modo geral, os tachos, panelas, etc., são esfregados com cinza ou areia muito fina antes de serem metidos na água quente onde serão lavados com sabão ou um pouco de potassa. Depois de passados por outra água limpa, são postos a escorrer e enxutos com um pano de estopa ou linhagem.

Os **utensílios de cobre** limpam-se com cinzas embebidas em vinagre. Deve haver todo o cuidado com estes utensílios porque colhem **verdete**, que é um veneno. Devem ser lavados logo depois de servirem, ou, pelo menos, conservados cheios de água. Não se deve deixar arrefecer nos tachos de cobre os alimentos que neles se cosinham.

Os **utensílios de ferro** estão bastante em desuso, a não ser as frigideiras que ainda muitas pessoas empregam para fritar, ou, nas aldeias, panelas para aquecer a água ou coser a comida para os animais. Os utensílios de ferro limpam-se com cinzas molhadas, ou com areia fina ou lixa. Se se deixam enferrujar, dão mau sabor aos alimentos.

As caçarolas de **ferro polido**, e as tenazes, pás, etc., esfregam-se fortemente com um pano humedecido em azeite e depois limpam-se bem para não enferrujarem. Ou então, se isto não é suficiente, limpam-se com cinzas, areia fina ou lixa.

Há alimentos — os legumes, por exemplo, — que não devem ser cosinhados em utensílios de ferro porque enegrecem.

Os **utensílios de aluminium,** como aquecem muito, devem escolher-se com cabos isoladores. Lavam-se com agua quente e sabão, e, se estiverem encardidos, com sabão macaco ou pedra pomes. A potassa não deve ser empregada porque enegrece o aluminium.

Não se devem esfregar os utensílios de aluminium com muita fôrça porque fàcilmente se deformam. Deve-se escolher um aluminium forte para durar.

Os utensílios de **ferro esmaltado** são bons e conservam-se com um aspecto bonito, mas teem o inconveniente do esmalte estalar. Deve-se evitar dar-lhes pancadas, porque o esmalte que cai, misturado com os alimentos e absorvido, é perigoso.

Quando estão estalados e a largarem bocadinhos de esmalte devem-se pôr de lado.

Os utensílios de ferro esmaltado lavam-se com água quente e sabão ou soda. Por fóra, esfregam-se com um esfregão ou um papel, antes de os lavar. Se estiverem muito sujos, esfregam-se com cinzas húmidas. Ficam como novos fervendo-os com potassa e cloreto mas, é claro, depois teem de ser muito bem passados por água limpa.

Os utensílios de **barro** são baratos, mas teem o inconveniente de se impregnarem do cheiro da comida. Metendo-lhes dentro uma brasa a arder e abafando-se com um têsto, desaparece o cheiro.

Também teem o inconveniente do vidrado estalar e poder ser nocivo à saude.

Quando estão negros por fóra esfrega-se com cinza ou areia fina. Por dentro, lavam-se com água quente e sabão ou potassa.

Quando um utensílio de cosinha **se queima,** não se deve raspar com uma faca, o que o estraga; ferve-se-lhe dentro cinza com água durante uma hora e depois esfrega-se com uma rodilha, e assim, a comida despega-se fàcilmente.

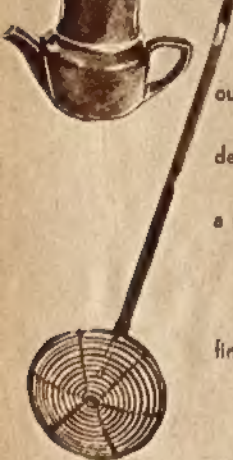
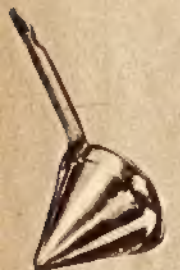
De vez em quando deve-se dar uma limpeza geral a todos os utensílios de cosinha, mesmo aqueles que não andam a uso porque a humidade, a poeira, o fumo, os ácidos das comidas, etc., sujam-nos e enegrecem-nos.

Os **alguidares** onde se lava a louça devem andar sempre bem asseados.

Não havendo lavadouros próprios na cosinha, os melhores alguidares são os de zinco ou ferro esmaltado.

Lavam-se com água quente e sabão ou potassa; os de zinco, para ficarem mais brilhantes, esfregam-se com areia fina, sabão e água quente e põem-se ao sol a secar, depois de passados por água fria.

Não se deve lavar a louça em celhas de madeira porque se impregnam do mau cheiro da comida.

Depois de lavados e limpos, os utensílios devem ser dependurados ou guardados nos seus devidos lugares; colocam-se por qualidades, por exemplo, as panelas a seguir às panelas, e por ordem de tamanhos.

TRABALHOS de Mãos

JÔGO DE ALTAR

Publicamos o desenho duma *pala* para o Cálice, que deverá ter de dimensões 15×15 cm (incluindo a renda).

O *coração* (sem a corôa de espinhos) poderá servir para completar o jôgo do altar: o *corporal* deverá ter 50×50 cm, o *sanguínio* 45×25 cm e o *manustergio* 50×30 cm.

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

"De nenhuma se arreceia,
Por ser a mais portuguesa."

Meu Portugal

Oh Portugal! Oh meu amor profundo!
No suave oceano és debruçado.
És pequenino, mas a todo o mundo,
Grandes heróis, há muito, tens mostrado.

Por ti, com orgulho, darei a vida,
Se com meu sangue te puder salvar.
Terra de soldados, oh Pátria querida
És Pátria-Mãi do grande Salazar.

Que feliz me sinto em poder gritar,
Tuas virtudes: amor e lealdade
Que te deram tal fama imortal.

A Deus eu peço, à noite a rezar,
Que de coração ao alto, a Mocidade
Te ame eternamente: — Portugal!

Maria Eduarda Cid-Rëy-Luna Crispina de Sousa
Filiada N.º 10068 — Ala 1 — Centro 1
Província do Algarve

Portugal

PORTUGAL da lusa gente,
Que deste mundos ao mundo,
Teu Sol é o mais brilhante!
Como tu, não há segundo!

Teus filhos são os gigantes
Cantados em epopeias.
Um povo de mareantes
Que resistiu às sereias.

Conheces tuas belezas?
Desde o norte até ao sul
Vós sois colar de riquezas
Em manto de mar azul.

MINHO! Terra de cantigas
Tam alacre e verdejante
Onde há lindas raparigas!

TRÁS-OS-MONTES, tam leal,
Tua beleza escalvada
No país não tem igual.

BEIRAS lindas, verdejantes,
Abrigo de Viriatos,
Sois o bêrço de gigantes.

DOURO! Terra de colheitas!
Do bom vinho capitoso
Que é a cura das maleitas.

EXTREMADURA: gente boa
Que trabalha, vive e canta
Em teu coração: LISBOA.

Tu, ALENTEJO leal
Dás pão ao nosso cantinho
És o nosso bom trigal.

ALGARVE! Terra encantada
D'amendoeiras em flôr,
Tam brancas quais mãos de fada.

Meu PORTUGAL! Meu amor!
Meu cantinho abençoado!
Por Jesus Nosso Senhor
És um bêrço trabalhado.

Tua Mãi, Virgem Maria,
Protege-te com amor,
E há-de livrar-te sempre
Do sofrimento e da dôr.

P'ra te salvar meu vèlhinho
Há a nova MOCIDADE,
Cheia de fé e de esp'rança
De amor e de lealdade.

Maria Helena Alves Pôrto Costa
Filiada N.º 10908 — Centro 1 — Ala 1

A Minha Terra

É o Minho verdejante,
alegre riso cantante,
da alma das raparigas!
É Alentejo viçoso,
sol ardente, tão famoso,
doirando tenras espigas!

São as Beiras tão nevadas,
de montanhas aguçadas.
Pastores! Gentis serranas!
Coimbra, trovas cantando,
e Mondego soluçando
pénas de lindas tricanas!

É o Douro das latadas,
e das joias rendilhadas,
todo encanto e poesia!
É Extremadura altaneira,
onde o Tejo e a oliveira
cantam um hino de alegria!

É Trás-os-Montes bravia,
onde a agreste penedia
é como a alma da gente:
rude, mas alegre e franca,
alma pura, alma branca,
bem portuguesa, e ardente!

Algarve, contos de fadas,
e de mouras encantadas,
que o povo conta enlevado!
Terra da quente figueira,
a que as flores da amendoeira
vestem um véu de noivado!

É o chão que os Lusitanos
já há tantos, tantos anos
tornaram grande, imortal!
É «pequenino e gigante»!...
cantinho sempre odorante!...
meu amado Portugal!

ROSA MARIA